

Pedida suspensão do pagamento dos juros

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O chefe do Centro de Estudos Monetários e Economia Internacional, da Fundação Getúlio Vargas, Paulo Nogueira Batista Jr, defendeu ontem a suspensão de pagamentos dos juros da dívida externa, caso haja risco de as reservas em moeda forte se esgotarem. Segundo o economista, se prevalecer a queda no saldo comercial, o País não terá opção a não ser o "corte temporário" dos pagamentos aos banqueiros.

"O governo não pode deixar que se repita a situação de 1982, quando o Brasil só negociou o corte dos pagamentos quando as reservas estavam a zero", disse Nogueira Batista Jr., pouco antes de fazer uma palestra no 22º Congresso Latino-Americano de Industriais, no Hotel Intercontinental-Rio.

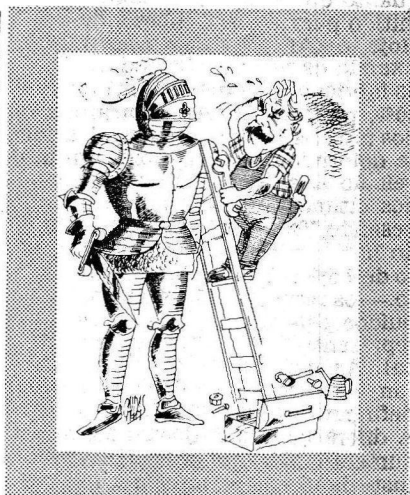
Segundo ele a economia cresceu demais em 1985 e no primeiro semestre deste ano, acabando com os excedentes de produção que eram exportados. Isso demorou a se tornar um problema objetivo, devido à existência de capacidade ociosa na economia.

Para ele, os dados mostram uma total incompatibilidade entre fazer crescer a economia e manter um alto saldo comercial e, sem esses elevados superávits, é impossível se continuar a pagar a dívida.

"A opção a deixar de pagar os juros da dívida seria conter a demanda interna, para que o País gerasse US\$ 13 bilhões de saldo nas exportações e pudesse pagar os juros da dívida. Seria uma atitude desastrosa, causando inflação devido à necessidade de se adotar uma maxidesvalorização do cruzado e recessão, para que a redução de consumo pudesse gerar excedentes exportáveis.

Para ele, a hipótese de se perseguir um alto saldo comercial é "tecnicamente concebível, mas politicamente impossível", devido aos compromissos da "Nova República" com o controle da inflação, a manutenção do crescimento e a redistribuição de renda. "As alternativas são: cortar os juros e manter um crescimento de 6% a 7% ou tentar pagar a dívida e gerar recessão e inflação", acentuou.

Com base no saldo comercial de outubro, que foi de US\$ 210 milhões, a Fundação Getúlio Vargas concluiu, disse o economista, que tirando-se os fatores sazonais, esse saldo equivaleria, ao longo de um ano, a um superávit de apenas US\$ 1,8 bilhão. A dessazonalização consiste em rerir, do saldo do mês, os efeitos de exportações que se concentram em apenas alguns meses, fazendo uma distribuição média dessas vendas. "Esse saldo é muito baixo e as infor-

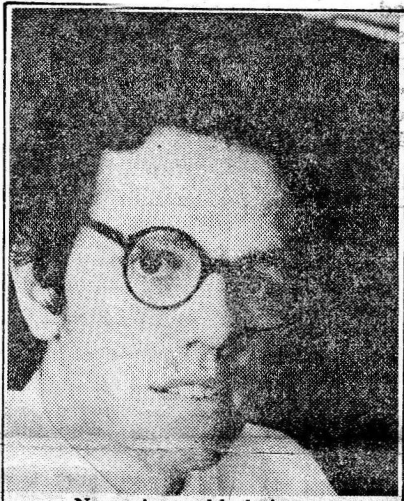


mações sobre o superávit de novembro não são animadoras", ressaltou.

Para o economista, os críticos do Plano Cruzado acertaram em cheio ao ressaltar, à época de seu lançamento, em fevereiro, que seus pecados do Plano eram a falta de soluções para o déficit público e o desafio externo.

Sobre o recente ajuste no Cruzado, disse Nogueira Batista Jr. que ele deverá ter um efeito imediato totalmente contrário ao pretendido pelo governo, ou seja, estimulará a demanda.

"Por razões políticas, o governo deixou de cortar subsídios, como o do trigo e também não quis aumentar o Imposto de Renda. Por isso, teve de aplicar aumentos exagerados sobre gasolina, álcool, carros, energia, açúcar. A partir daí, foi gerada uma forte expectativa inflacionária e, hoje, as pessoas tendem a antecipar compras, temendo que a partir dos aumentos verificados, a inflação recrudescerá e que vale a pena comprar tudo que puderem", disse o economista.



Nogueira: saldo baixo